Gardens in the Dunes: Indigenismo, natureza e poder em perspetiva ecocrítica

Gardens in the Dunes: Indigenism, nature and power from an ecocritical perspective

Gardens in the Dunes: indigénisme, nature et pouvoir dans une perspective écocritique

Isabel Maria Fernandes Alves

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/rccs/5288>

DOI: 10.4000/rccs.5288

ISSN: 2182-7435

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Edição impressa

Data de publicação: 1 maio 2013

Paginação: 213-234

ISSN: 0254-1106

Refêrencia eletrónica

Isabel Maria Fernandes Alves, « *Gardens in the Dunes: Indigenismo, natureza e poder em perspetiva ecocrítica* », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 100 | 2013, posto online no dia 28 outubro 2013, consultado o 10 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/5288> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/rccs.5288>

ISABEL MARIA FERNANDES ALVES

***Gardens in the Dunes:* Indigenismo, natureza e poder em perspectiva ecocrítica**

No presente artigo pretende-se fazer a leitura do romance de Leslie Marmon Silko a partir do quadro teórico da ecocrítica, uma corrente crítica literária que, perante a crise ambiental contemporânea, procura modelos de pensamento e de prática que acentuem as estreitas relações entre o ser humano e o mundo natural. Neste sentido, dar-se-á relevo à cosmovisão ameríndia, cujos principais pilares culturais se baseiam na coabitação ambientalmente justa e num equilíbrio distributivo – entre grupos sociais e étnicos, e entre regiões.

Neste romance Silko convida o leitor a aproximar-se de gente marginalizada, sem recursos, vivendo em áreas ambiental e socialmente problemáticas, pretendendo, assim, denunciar a opressão dos povos indígenas e o excessivo consumo de bens que caracteriza o nosso tempo. Em alternativa, a autora oferece vivências e símbolos que celebram a inclusão, a diversidade e a pluralidade do mundo.

Palavras-chave: destruição do ambiente; *Gardens in the Dunes*; justiça ambiental; Leslie Marmon Silko.

Escrevo para entender o fascínio e a força de tudo aquilo que partilhamos.¹

SILKO APUD ARNOLD (2000: 68)

Este trabalho tem como âmago a análise da obra *Gardens in the Dunes* (1999), de Leslie Marmon Silko, em perspectiva ecocrítica, ou seja, salientando as interligações entre as personagens e o meio físico que as envolve, tão mais prementes numa autora nativa-americana, cuja cultura vive “do sentimento de que o indivíduo é inseparável da tribo e ligado ao lugar numa relação em que a natureza não é o ‘outro’, mas parte de um mesmo contínuo

¹ As traduções são da responsabilidade da autora do artigo.

com o ser humano” (Buell, 1996: 19).² A “experiência policultural” e a existência de uma “cultura híbrida” no que respeita aos nativos dos Estados Unidos indiciam um “compromisso imaginativo em relação à construção de uma vida menos tecnológica, menos ‘artificial’, que se estende muito para além das fronteiras do género e da etnia” (*ibidem*: 20).³

Leslie Marmon Silko nasceu no Novo México, em 1948, e cresceu perto da reserva índia dos Laguna Pueblo. O pai era, em parte, de origem Laguna e, em parte, euro-americano; a mãe pertencia a uma tribo das planícies, os Cherokees. Estas particularidades familiares justificam a sensibilidade da autora em relação a questões de identidade e de pertença; sentindo-se “a mixed blood”, de descendência mestiça, Silko promove nas suas obras uma visão que articula o dinamismo, a adaptação e o sincretismo, com vista a escapar “às armadilhas letais da estagnação e esterilidade” (Owens, 2002: 92).⁴ Se a produção literária de Silko está profundamente ligada ao Sudoeste dos Estados Unidos, uma paisagem de “arenito, cactos e cholla” (Wood, 1999: 71), e às tradições orais dos Laguna Pueblo, importa também salientar o facto de nas suas obras estar sempre presente a luta contra as forças que ameaçam destruir a paisagem, a cultura e os povos nativos.

A sua obra mais conhecida intitula-se *Ceremony* (1977), e nela encontramos uma personagem de descendência híbrida, e que dividida entre uma herança nativa e o apelo da sociedade branca, anglo-saxónia, tenta encontrar a sua voz, a sua casa identitária. Tal como em todos os seus textos, *Ceremony* articula a necessidade de se fugir ao maniqueísmo: antes e depois da chegada dos brancos, o bem e o mal, os nativos-americanos *versus* os euro-americanos; pelo contrário, e como afirma numa entrevista a Ellen Arnold, “a natureza humana, o espírito humano, não deseja fronteiras ou divisões” (2000: 171). Do credo literário de Silko faz também parte a convicção de que a sua ficção mantém com a tradição oral uma relação de proximidade. Como explica no livro de memórias, *The Turquoise Ledge* (2010), contar histórias é um aspeto essencial da sua arte: “Vivi em Laguna rodeada por

² Neste trabalho utilizamos os termos ‘índio’, ‘nativo’ e ‘ameríndio’ como sinónimos.

³ Embora a abordagem ecofeminista seja um contributo importante na análise da obra de Leslie Marmon Silko, na medida em que esta autora coloca em perspetiva a desvalorização da natureza e de tudo aquilo que é visto como tal (as mulheres, o corpo, os animais, as emoções e a sexualidade) (Gaard, 1996: 159), promovendo uma deslocação no terreno e substituindo narrativas de domínio por narrativas de relacionamento (Stein, 1997: 144), na presente reflexão pretendemos, sobretudo, valorizar o modo como a metáfora do jardim veicula a complexidade de relações entre plantas, animais e culturas.

⁴ Para além de *Gardens in the Dunes*, Silko é autora, entre outras, das seguintes obras: *Laguna Woman: Poems* (1974), *Ceremony* (1977), *Storyteller* (1981), *Almanac of the Dead* (1991) e *The Turquoise Ledge: A Memoir* (2010).

pessoas que adoravam contar histórias pois era através da palavra falada e da memória que durante milhares de anos o povo Laguna preservou a sua cultura” (Silko, 2010: 27).

A importância da tradição oral, a ideia de fluidez e a noção de hibridismo são igualmente fundamentais para a compreensão de *Garden in the Dunes*. Numa entrevista concedida aquando da publicação da obra, Silko refere que o seu objetivo era escrever “um livro sobre jardins e flores, uma obra sem mensagem política” (Arnold, 2000: 163). No entanto, e como compreendeu, considerar a importância dos jardins num contexto mais global permitiu-lhe repensar o colonialismo: as plantas são algo que circulou/circula a uma escala global. Esse movimento muito deve ao colonizador, pois quando partia do lugar conquistado levava sempre consigo plantas, deixando também aquelas que tinha trazido do seu lugar de origem (*ibidem*: 181). Assim, conclui Silko, aquilo que colhemos está profundamente relacionado com fatores histórico-políticos. Consequentemente, mais do que ver os jardins apenas como lugares de beleza e contentamento, Silko apresenta-os “como imagens, ou paradigmas históricos, de sistemas culturais” (Ruoff, 2007: 9) e como locais a partir dos quais é possível veicular uma ideia política, uma reflexão sobre a complexidade que define a história da humanidade. Neste sentido, *Gardens in the Dunes* sublinha a existência “de uma espécie de continuidade no mundo” (*ibidem*: 92), surgindo como uma obra que contextualiza o ser humano não apenas em relação ao seu espaço e à sua história, mas que pretende integrá-lo na História. Esta perspetiva, por seu lado, potencia uma análise ecocrítica, pois no centro desta linha crítica está a intenção de salientar e intensificar a leitura de um texto tendo por base as inter-relações entre o ser humano e o mundo em que vive.

Gardens in the Dunes é entendido como um romance que procura entender “o lugar do ser humano no mundo natural” (Lynch, 2000: 290), denunciando a existência de racismo ambiental para com os mais desprotegidos, nomeadamente na narrativa que se centra em torno da construção, em finais do século XIX, da barragem do rio Colorado, obrigando as populações nativas a deslocarem-se e a ficarem numa situação de dependência e fragilidade. Por outro lado, *Gardens in the Dunes* apresenta a visão mais tradicional das culturas nativas por oposição ao mundo “sofisticado e reluzente de americanos e europeus” (Wood, 1999: 71). Acima de tudo, neste romance é abordada a relação entre o ameríndio e a natureza não de uma perspetiva privilegiada, ou seja, partindo de uma situação de harmonia, mas, pelo contrário, situando a ação em reservas, em minas abertas de urânio, em zonas de fronteira. Manifestamente, Silko quer deslocar-nos de uma zona de conforto, convidando o nosso olhar

a aproximar-se de gente marginalizada, sem recursos, vivendo em áreas ambiental e socialmente problemáticas.

Este extenso romance vive essencialmente do desenvolvimento em redor de três personagens: Indigo, Edward e Hattie, qualquer uma delas associada a um jardim. Indigo e Sister Salt são duas irmãs, ainda jovens, que vivem com a mãe e a avó, Grandma Fleet, numa região junto ao rio Colorado, no Sudoeste dos Estados Unidos. Pertencem à tribo Sand Lizard e vivem numa harmoniosa – mas frágil – interdependência com a paisagem que as cerca, semeando e colhendo as culturas que o terreno, arenoso e muito seco, proporciona. Esta é a paisagem onde, nos finais do século dezanove, as duas irmãs vão tentar sobreviver depois de a mãe desaparecer e a avó morrer. Embora tentem fugir da polícia e de uma vida na reserva, as duas irmãs são apanhadas pelas autoridades, separadas, e enviadas para uma escola oficial a fim de serem educadas segundo os padrões euro-americanos. Sister Salt escapa à escola para permanecer em Parker, perto do rio Colorado, onde ganha a vida lavando a roupa e, por vezes, prostituindo-se. Indigo, escapando também à escola, encontra, na sua fuga, o casal Edward e Hattie Palmer, dois americanos relativamente jovens, que a acolhem. É com eles que ela viajará para Inglaterra e Itália, e através deles conhecerá outras personagens essenciais àquilo que é o seu objetivo: colecionar plantas e armazenar conhecimentos sobre botânica a fim de os utilizar nos jardins das dunas – “old gardens” – onde, acima de tudo, deseja regressar. O facto de Indigo ser criança e nativa proporcionará um outro olhar sobre os acontecimentos que experiencia junto de Hattie, personagem que encarna a independência feminina num tempo em que os preconceitos ainda são vastos, e de Edward, o botânico que nas expedições à América do Sul e à Europa, procura obter plantas exóticas com o fim único de as comercializar. Indigo funcionará para Hattie como a possibilidade de esta descobrir o amor maternal e o gosto pelas plantas, e como contraponto a um conhecimento meramente intelectual e materialista da botânica representado por Edward.

Central na nossa leitura é, por isso, a perspectiva de Silko no que respeita às relações globais entre o ser humano e a natureza e, muito particularmente, o modo como os jardins representam a confluência de plantas e de civilizações, sendo, por isso, um símbolo de encontro e de diálogo mas, ao mesmo tempo, de resistência política. Tal como no romance anterior, *Ceremony*, Silko detém-se na importância da ideia de ‘encontro’, de inter-relações, e hibridismo. *Gardens in the Dunes* é uma reflexão acerca do modo como os jardins são espaços que acolhem o hibridismo e onde plantas do Velho e Novo Mundo confluem e florescem lado a lado; lugares que, mais do

que autenticidade, representam a possibilidade de coabitação e a necessidade de adaptação. Nesse sentido, esta obra pode ser entendida como um exemplo de “ecologia etnopoética” (Buell, 1996: 286), pois as personagens e a sua evolução dentro do romance estão dependentes da íntima relação com a geografia que entendem como sua. Indigo, mas também Sister Salt e Grandma Fleet, vivem cada lugar – e, muito em particular, o velho jardim nas dunas – como sendo uma teia de relações, vendo em cada pedra, em cada criatura e em cada particularidade topográfica uma história diretamente relacionada com o seu percurso individual e coletivo.

Na entrevista a Ellen Arnold, já aqui referida, e relativamente a *Gardens in the Dunes*, Silko afirma que o seu objetivo não era escrever uma obra com implicações políticas diretas. Verificou, porém, que o capitalismo está fortemente associado à destruição das comunidades, das pessoas e da tessitura individual; que esteve também relacionado com a escravatura, com a destruição dos povos indígenas e dos animais. Por isso, Silko, que tinha como objetivo escrever uma narrativa sobre jardins, decide escrever uma crítica ao sistema político e económico da atualidade. Desejando denunciar a opressão dos povos indígenas e o “consumo excessivo” (*apud* Arnold, 2000: 182), Silko oferece “uma visão alternativa, formas de religação espiritual, modos de resistir” (*ibidem*: 183), convidando o leitor a olhar o mundo através do olhar de Indigo. Para Silko, o leitor deve permanecer junto da perspetiva veiculada por Indigo, porque esta personagem vê o mundo sem deixar de lado o espanto e sem a pretensão de julgar (*ibidem*: 181). A ação de Indigo, repetidamente, é a de nos convidar a ver: “Vê que não vês o que vês. Vê que não vês o que vês. Vê, vê, vê!” (GD: 302).⁵

Ecocrítica: um compromisso para com a natureza e uma construção de relações

Numa síntese pioneira, Cherryll Glotfelty destaca o propósito da ecocrítica: “Na generalidade, a teoria literária examina as relações existentes entre os escritores, os textos e o mundo. Na maior parte das vezes, ‘mundo’ é sinónimo de sociedade – a esfera social; a ecocrítica, porém, expande a noção de ‘mundo’ – nele incluindo toda a ecosfera” (Glotfelty, 1996: xix). A ideia de inclusão é importante no que respeita à ecocrítica. Sendo um movimento crítico que privilegia a interdisciplinaridade – mantendo relações estreitas com as ciências da vida, particularmente com a Ecologia – centra-se na procura de relações existentes, dentro do texto, entre o humano e o não humano, entre o humano e a comunidade, sendo este último conceito entendido

⁵ *Gardens in the Dunes*. A partir de agora, referido no texto como GD.

como uma entidade alargada que, tal como defendia Aldo Leopold, inclui os solos, a água, as plantas e os animais (Leopold, 2008: 190).⁶

Num tempo em que o ser humano vive essencialmente em ‘não-lugares’, na expressão de Marc Augé, as questões a que a ecocrítica procura responder relacionam-se com o valor desempenhado pela categoria de ‘lugar’ e com as respostas que autores e personagens lhe conferem num romance, num poema ou numa peça dramática. A origem deste interesse prende-se com a constatação de que o ambiente natural tem sido profundamente alterado através da intervenção humana e tecnológica. A utilização maciça e descontrolada dos recursos naturais, a manipulação de paisagens em grande escala e em grande parte do planeta põe em causa a sustentabilidade das gerações futuras.

Uma crescente sensibilidade para com questões cujo âmago é a relação entre o ser humano e o ambiente tem provado a necessidade de se mudarem consciências e práticas. Uma sensibilidade que encontra inspiração em valores estéticos e ecológicos e que privilegia o poder da imaginação, demonstrando que, se a representação literária tem uma forte influência sobre o modo como se olham lugares concretos e os lugares do mundo, então, e nas palavras de Leonard Lutwack, a literatura “deve ser tida em conta no que respeita à preocupação contemporânea acerca da sobrevivência” (Lutwack, 1984: 2).

A perspetiva imaginativa e ecológica acima referida terá como consequência uma maior consciência do ser humano acerca da forma como tem (mal)tratado o espaço físico, a casa onde habita. É a partir deste primeiro pressuposto – um olhar atento e necessário sobre a representação do espaço na literatura – que Glotfelty enumera alguns dos propósitos da ecocrítica: salientar de que forma as metáforas acerca da Terra influenciam o modo como nos relacionamos com ela e se, por exemplo, homens e mulheres escrevem de modo diferente sobre a natureza; de que forma a literatura tem afetado a relação entre a humanidade e o mundo natural, tentando entender em que medida a ecologia poderá influenciar os estudos literários e quais as possibilidades de diálogo entre a literatura e o discurso com preocupações ambientais, presente também em disciplinas como a História, a Filosofia, a Psicologia, a História da Arte e a Ética (Glotfelty, 1996: xix). Ou seja, para Glotfelty, a ecocrítica analisa a forma como as imagens, símbolos e metáforas do mundo físico presentes nos textos literários, as atitudes dos narradores, das personagens ou mesmo

⁶ Citamos aqui a versão portuguesa da obra de Aldo Leopold, obra publicada, pela primeira vez, em 1949.

dos autores, refletem paradigmas culturais ou “as relações entre a cultura humana e o mundo físico” (*ibidem*: xx).

Na justificação da sua preferência pelo termo ecocrítica – e por oposição, por exemplo, a imaginação ambiental ou ecologia literária – Glotfelty salienta a proximidade do termo com a ciência da Ecologia e com o estudo das relações entre os seres vivos, orgânicos e inorgânicos. A Ecologia estuda a casa (*oikos*) que o ser humano habita, apontando as múltiplas inter-relações que caracterizam o convívio fundamental entre os seres vivos e o seu meio natural. A ecocrítica utiliza o objetivo central da Ecologia como metáfora das relações do ser humano com o meio natural, ao qual acrescenta um pendor ético. Ou, por outras palavras, o significado etimológico de *oikos* é entendido não apenas como casa, habitação, mas também como família e tudo aquilo que se desenrola à sua volta. A harmonia do ser com o espaço envolvente pressupõe uma construção de relações que garantam ao indivíduo uma salutar e benéfica interação com tudo aquilo que o rodeia, perspetiva que o conceito de ‘habitação’ de Martin Heidegger reforça, pois é seu entendimento que habitar implica não apenas edificar e morar, mas a construção comprometida e responsável de relações.⁷

Assim, apoiando-se no modelo da Ecologia, a ecocrítica salienta que, ao destruir ecossistemas, ao contribuir para a perda de biodiversidade e para a degradação geral da Terra, o ser humano vai empobrecendo também. Daí as palavras de Lawrence Buell: “A ecocrítica adquiriu uma conotação ético-política quando a premissa da interligação entre formas de vida foi apropriada por ambientalistas como a base de várias reformas ecológicas”. E reforça: “Estas [reformas] podem ser entendidas como tentativas de modificar consciências ou valores, procurando justificação não apenas na ciência mas no princípio geral da interconexão das coisas” (Buell, 2005: 139).

É este também o sentido da leitura de Greg Garrard em *Ecocriticism*: porque os textos literários veiculam valores com implicações ambientais decisivas, a ecocrítica terá de se afirmar como uma análise politicamente comprometida e com preocupações sociais evidentes (Garrard, 2004: 3). Procurando salientar o modo como imaginamos e representamos a relação entre os seres humanos e o ambiente em diferentes áreas da produção cultural, a ecocrítica é, neste sentido, um espaço crítico que busca ler o mundo e compreendê-lo à luz das inter-relações entre natureza e cultura, ou, nas palavras de Garrard, um compromisso entre uma ‘natureza’ culturalmente

⁷ Citado por Lawrence Buell, que enfatiza a relação entre habitar e construir; para Heidegger, habitar significa envolvimento do ser humano com a Terra, e construir implica a criação de relações que permitam o crescimento harmonioso do indivíduo e do lugar (Buell, 2005: 66).

construída e, ao mesmo tempo, uma entidade que, de facto, existe (*ibidem*: 10). Perspetiva que, por seu lado, conflui no que Lawrence Buell postula como uma relação estreita entre a ecocrítica e os aspetos “experimental e referencial da literatura” (Buell, 2005: 36).

Do exposto, destaquemos dois aspetos que caracterizam a ecocrítica: o propósito de num texto literário salientar e analisar a existência de múltiplas relações entre o ser humano e o mundo físico ali representado e, paralelamente, um compromisso real para com esse mundo natural, que, no sentido que aqui lhe é atribuído, significa ambiente, ambiente construído.⁸

Embora a designação ‘ecocrítica’ seja recente, é importante sublinhar que a representação do espaço e da natureza sempre foi uma presença de relevo nos estudos literários. Lawrence Buell alerta mesmo para o facto de, embora sendo emergente a crítica centrada nos problemas ambientais, as suas raízes, pelo contrário, serem muito antigas (Buell, 2005: 2). É de registar, igualmente, que o âmbito de estudo da ecocrítica se tem vindo a alterar; assim, num primeiro momento, a ecocrítica estuda, sobretudo, a escrita sobre natureza (*nature writing*), tendo vindo a alargar o seu campo de estudo, ao integrar novas questões como a justiça ambiental, as literaturas minoritárias, a globalização, o ecofeminismo, as relações entre ecocrítica e materialismo.

Sobretudo, e como sintetiza Lawrence Buell, a ecocrítica privilegia o estudo das relações entre o texto literário e o ambiente, “promovendo uma *praxis* ambiental” (Buell, 1996: 430). Esta evolução não impede, contudo, algumas vozes de apontar falhas a esta prática crítica; nas palavras de Patrick Murphy, a ecocrítica continua “pouco sofisticada do ponto de vista teórico” (*apud* Simon C. Estok, 2001) e, nas de Stephanie Sarver, “os estudiosos da literatura que são ambientalistas parecem não estar a criar uma nova teoria crítica, mas antes a basearem-se em teorias já existentes para iluminar a nossa compreensão acerca das interligações entre o ser humano e a natureza e o modo como surgem representadas na literatura” (*ibidem*).

Contudo, para cada um destes autores, e porque cientes de que um texto literário não se confina a uma doutrina, a ecocrítica afirma-se como um espaço crítico que privilegia um compromisso com a natureza e cuja análise enfatiza a construção de relações vitais entre o ser humano e o mundo natural. Uma visão a que Buell dá, uma vez mais, voz: a ecocrítica, mais do

⁸ Gary Snyder conduz esta questão de forma explícita: “a palavra ‘ambiente’ funciona como equivalente do termo ‘natureza’. [...] A palavra [ambiente] é útil porque destaca o facto de todas as entidades fazerem parte do ambiente uns dos outros” (2004: 5). A este propósito, Buell admite que, embora o termo ‘ambiente’ seja usado de forma geral para referir ambientes naturais, entende-se, comumente, que signifique simultaneamente ‘construído’ e ‘natural’ (2005: 140-1).

que uma nova metodologia, é um novo ângulo a partir do qual interrogar o mundo; na sua opinião,

terá sido feito suficiente se a perspectiva ambiental se tornar indispensável à forma como se lê o texto literário – quer o projecto específico seja a literacia ambiental de um texto, quer o entendimento acerca da forma como o texto se situa a nível local e/ou global, a sua atenção ou desatenção à esfera não humana, a sua valência ideológica no que respeita à receptividade ou opacidade para com questões de justiça social. (Buell, 2005: 131)

A ecocrítica afirma-se, assim, como um ângulo de leitura que tenta responder à crise ambiental dos nossos dias. Inspirada nos movimentos ambientais, surge, em 1992, nos Estados Unidos da América, uma aliança entre os estudos literários e as preocupações ambientais, dando lugar ao aparecimento da ASLE, uma Associação para o Estudo da Literatura e do Ambiente.⁹ Partindo da crise ambiental contemporânea e perante a degradação do planeta, as Humanidades quiseram fazer parte do debate sobre a procura de modelos de pensamento e de práticas alternativas.

Citado por Glotfelty num texto já aqui referido, Donald Worster expõe o âmago do problema que enfrentamos: a crise global dá-se não porque os ecossistemas funcionem mal, mas por causa do modo como funcionam os sistemas éticos. Daí o autor entender que os estudiosos da literatura, juntamente com os historiadores, antropólogos e filósofos, não podendo por si mesmos regenerar o ambiente, podem contribuir para o entendimento do impacto que os humanos exercem sobre a natureza (*apud* Glotfelty, 1996: xxi). Trabalhando com questões relacionadas com valores, sentidos, tradições, pontos de vista e linguagem, os estudos ecocríticos reforçam a importância do contexto físico no texto literário, podendo, desse modo, contribuir de forma pertinente para o pensamento ambiental. Neste quadro, é central a visão de Robert Brulle: “As questões relacionadas com a preservação dos recursos naturais não são assuntos apenas do domínio técnico;

⁹ Como salienta Carmen Flys-Junquera, hoje a ASLE tem 1400 associados nos Estados Unidos e inúmeras associações filiadas no Japão, em Taiwan, na Coreia, na Austrália, na Índia, no Canadá, em Inglaterra. Recentemente, foi criada a EASLCE (European Association for the Study of Literature, Culture and Environment). Decorrentes do nascimento destas associações, surgem as revistas especializadas: *ISLE (Interdisciplinary Studies of Literature and Environment)*, *Green Letters*, *Journal of Ecocriticism*, and *Ecozon@: European Journal of Literature, Culture and Environment*. Como consta da sua página oficial na Internet, são objetivos da ASLE: facilitar abordagens interdisciplinares e inovadoras no que respeita ao estudo da natureza e cultura através de diferentes meios: escrita sobre a natureza, arte, estudos ecocríticos, pedagogia, escrita sobre a ciência, poesia, música, escrita criativa, cinema, entre outras possibilidades. Cf. www.asle.org.

são também acerca do que define o bem e a moral e acerca da essência e do sentido da nossa existência” (*apud* Clark, 2011: 1).

Sendo linguagem, os textos literários imaginam, constroem e representam a natureza, constituindo-se, por isso, e ao longo do tempo, como fontes privilegiadas de compreensão acerca do modo como os humanos têm interagido com o mundo natural. E porque a crise ambiental não se apresenta apenas como um problema que a ciência, por si só, consiga resolver, mas que envolve também questões culturais, torna-se necessário o contributo das Humanidades, uma vez que estas poderão reforçar a consciência quer acerca da existência dos problemas, quer no que respeita à procura de soluções.

Em “Literature and Ecocriticism as Environmental Activism”, Carmen Flys-Junquera aponta alguns exemplos através dos quais o estudo do texto literário pode refinar a perceção dos problemas ambientais que caracterizam a vida das sociedades atuais. Para Flys-Junquera, os textos literários não só refletem, como podem moldar, os valores de uma sociedade (2011: 63). Assim, uma leitura ecocrítica realça as múltiplas teias que caracterizam a vida humana no todo da biosfera, assim como faz ouvir as vozes mais silenciadas – sejam as das minorias, sejam as do mundo não humano. O importante, como salienta Flys-Junquera, é que, através de uma leitura crítica orientada, a imaginação do leitor seja tocada, avivada, estimulada, e um processo de maior consciencialização relativamente ao mundo físico que nos envolve tenha lugar (*ibidem*: 64).¹⁰

Estas questões, por seu lado, articulam-se com as considerações de Boaventura de Sousa Santos quanto à questão essencial dos nossos dias: hoje, não se trata tanto de sobreviver, mas de saber viver. O sociólogo entende que “é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente

¹⁰ O texto literário, mais do que apresentar soluções, afirma-se como um espaço de conhecimento acerca das atitudes e opções humanas; a ecocrítica, salientando os aspetos que manifestam a necessidade de ouvirmos a ‘fala da terra’ sublinhando valores alternativos ao modo de vida no planeta, contribui para um alargamento da comunidade daqueles que estão convictos de que o destino da humanidade é inseparável do destino da natureza. Utilizamos a expressão ‘falas da terra’ porque, em Portugal, esta corresponde ao título do projeto do Instituto de Estudos de Literatura Tradicional sobre o meio físico e a sua representação literária e oral. O IELT e o Departamento e Centro de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa são as entidades que, dentro da academia, têm como âmago o estudo das relações entre a literatura e o ambiente. Acrescentemos a realização, em 2004, do encontro “Literatura e Ambiente”, uma iniciativa do Centro de Línguas, Culturas e Literaturas da Universidade Fernando Pessoa e, em 2008, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a Jornada de Reflexão “Ecocrítica/Écocritique”. Decorrentes destes projetos e iniciativas, salientamos as publicações: *Natureza e ambiente: Representações na cultura portuguesa* (2001), *Literatura e ambiente* (2005); *Falas da terra no século XXI: What Do We See Green?* (2011).

ao que estudamos” (1999: 53-54). A valorização do poder imaginativo num contexto de crise ecológica leva-nos a recorrer às palavras de Joaquim Cerqueira Gonçalves e à formulação de que é a linguagem natural, aquela que não secciona dualisticamente, e a sua privilegiada expressão, a literatura, a acolher e estimular novas e múltiplas interpretações da realidade, “ampliando, por isso mesmo, o seu sentido” (Gonçalves, 2001: 17).¹¹ Por isso, e como alerta Viriato Soromenho-Marques, tendo o modelo político do nosso tempo – o da democracia liberal-representativa – desembocado numa crise ambiental e social, devem as Humanidades contribuir para a criação desse “novo centro de gravidade, de que tão urgentemente necessitamos” (1994: 71), uma nova visão que necessariamente terá de incutir conhecimento, respeito e competência para com o mundo natural.¹²

John Felstiner, em *Can Poetry Save the Earth?*, coloca a questão essencial: somos uma parte do todo ou queremos colocar-nos à parte? (2009: 5). Felstiner realça o facto de a ecologia promover a preservação da interação entre os diferentes organismos, deslocando o papel central e dominador do ser humano para a importância do todo. Se concebe que a poesia muito pouco pode fazer contra o aquecimento global, o desaparecimento de espécies, a poluição ou o consumismo desenfreado (*ibidem*: 7), Felstiner acredita que a poesia pode acender as consciências relativamente às escolhas que se fazem: “os poemas fazem-nos parar, olhar, ouvir, imaginar, religarmo-nos, comprometer-nos com o único mundo que temos” (*ibidem*: 13). Neste sentido, partindo da linguagem – alertando para imagens, metáforas e ritmos que vivificam o mundo natural –, a ecocrítica pretende continuar a avivar as consciências relativamente à fragilidade da Terra, tentando contribuir para um presente e um futuro sustentável.

Gardens in the Dunes: inspirar a consciencialização e promover a interdependência

Como Leslie Marmon Silko faz notar, em “Landscape, History and Pueblo Imagination”, no universo dos Pueblos, não faz sentido falar em ‘paisagem’ como uma entidade fora do indivíduo, pois aquele que vê é parte integrante

¹¹ Como refere ainda o filósofo, uma cultura sem literatura tenderá a desaparecer, mas “uma literatura antropocentrista, que não integre, respeite e intensifique a seiva de toda a realidade, na sua máxima diversidade, caminhará rapidamente para a formalização, reduzindo a realidade [...]” (Gonçalves, 2001: 19).

¹² Para Viriato Soromenho-Marques, as universidades devem ter um papel relevante na procura de soluções sustentáveis para o planeta. Segundo o autor, “as universidades não podem deixar de ser uma fonte de rigor e de esperança para os cidadãos, na busca de novos rumos para um futuro mais justo e sustentável” (Soromenho-Marques, 2013: 29).

da paisagem, tal como o são as pedras sob os seus pés (Silko, 1986: 266). Habituada a (sobre)viver numa paisagem desértica, a autora aprende(u) a dar valor às múltiplas interligações que tornam possível a sobrevivência, assinalando que a paisagem inclui a terra, o céu e tudo o que existe entre eles, incluindo o ser humano. Para a autora, todos nascemos de uma mesma fonte; uma perspetiva que recusa transformar-se no pensamento dualístico cartesiano, separando o humano do mundo natural (*ibidem*: 273). Esta sua visão, juntamente com a afirmação – “aquilo que me interessa são as inter-relações [...], de que modo os seres humanos se podem ajudar mutuamente, de que modo animais, plantas e homens em situação desfavorável se podem ajudar uns aos outros” (*apud* Arnold, 2000: 185) – oferecem ao mundo moderno um modelo alternativo de comunidade, modelo esse gerador de mais justiça nas relações entre o ser humano e o ambiente. Assim, *Gardens in the Dunes* permite uma (re)leitura das relações euro-americanas, tendo por base uma perspetiva assente também na biota e não apenas numa visão antropocêntrica, algo que “iluminará a história do gosto público e ajudará a moldar os valores que lhe são subjacentes” (Buell, 1996: 22).

Perante a crise ecológica contemporânea, a filosofia ambiental ameríndia mantém com a ecocrítica relações de proximidade e cumplicidade, pois ambas promovem a interdependência e conexão de todos os seres vivos. Para o pensamento ameríndio, um verdadeiro entendimento do ser humano não é possível sem que se considere o contexto ambiental em que está inserido. É neste sentido, e como argumenta Donelle Dreese, que se pode afirmar que “as filosofias ambientais ameríndias tiveram um impacto vital no desenvolvimento da ecocrítica” (Dreese, 2002: 6), pois apresentam conceções de ‘natureza’ diferentes das do mundo ocidental. Perante a crise ecológica instalada, as filosofias ambientais ameríndias apresentam modelos alternativos, promovendo uma “reavaliação das práticas” (*ibidem*) e um despertar de consciências em relação aos problemas globais do planeta.

Contudo, e como salienta Christian F. Feest, esta cumplicidade não deve conduzir-nos à ideia de que o americano nativo deva ser definido como um indivíduo meramente mergulhado na tradição e no passado. Pelo contrário, argumenta Feest, todas as culturas vivem de transformações contínuas, pois só assim podem sobreviver (2003: 10). Neste sentido, acrescenta: “Inquestionavelmente, os nativos americanos conheciam bem o ambiente que os rodeava, pois a sua sobrevivência dependia disso mesmo. Mas isto não os impedia de interferir com a natureza e ‘alterar a face da terra’, mesmo que lentamente.” (*ibidem*: 28). Estes aspetos não devem, pois, conduzir o leitor a uma imagem do nativo como sendo um ser ‘puro’; como alerta Greg Garrard, o “índio ecológico” é uma imagem produto de um “estereótipo

de origem europeia” (Garrard, 2004: 124-125), e que não traduz a diversidade e complexidade da cultura nativa americana.

Para Silko, *Gardens in the Dunes* expõe a diversidade e a complexidade das relações humanas e destas com o mundo natural; assim, na obra os jardins são simultaneamente lugares de reconciliação e de traição (*apud* Arnold, 2000: 182). Contudo, a autora não deixa de veicular a ideia de que a visão ameríndia parte de uma base mais inclusiva quando se trata de conhecer o Outro, e por isso incita o leitor a acompanhar o olhar de Indigo, a jovem ameríndia que registra a beleza das plantas mas sem fazer qualquer tipo de julgamento. É através do seu olhar que o leitor (re)aprende a importância da sua relação com o mundo físico, mas é também através de Indigo que é levado a refletir sobre as alterações que todos os povos têm inscrito na natureza. Não por acaso, a focalização de Indigo é acompanhada de outras vozes narrativas, o que confirma a visão/consciência global do romance.

Na primeira parte de *Gardens in the Dunes* o leitor encontra as personagens principais – Indigo, Sister Salt e Grandma Fleet – a viver num local do Sudoeste dos Estados Unidos a que chamam “old gardens”. A mãe, presente tão-somente no início da narrativa, entretanto desaparece, presa pela polícia, restando as três personagens femininas que, tal como os seus antepassados, cuidam de pequenos paraísos de plantas locais. Na paisagem desértica cultivam amaranto, girassóis, diferentes tipos de abóboras e feijões. Os pequenos talhões de terra são descritos como “florescentes”, “paradisiacos”, “aromáticos”, “mágicos” (GD: 13). É terra dominada pelo ser humano, mas, ainda assim, evocando nas personagens sensações de bem-estar e de pertença, jardins que são o resultado “de uma combinação entre a natureza e o cuidado humano” (Magoulick, 2007: 25). Indigo lembra as recomendações da avó, Grandma Fleet: “As plantas ouvem, disse-lhes ela. Saúdem sempre cada planta com respeito. Não discutam nem lutem perto das plantas – ressentimentos fazem as plantas murchar.” (GD: 14). Mas é toda uma tribo que ensina a cuidar: “Os Sand Lizard aconselhavam as suas crianças a partilhar: não sejam gananciosos” (GD: 15). Este é um trabalho executado por mulheres; tal como outras antes delas, e num processo contínuo, de geração em geração, têm como missão preservar as sementes de um ano para o outro. Cuidar da terra e alimentar as histórias sobre a sua tribo são tarefas femininas, ambas geradoras de vida e, por isso, a experiência que vivem estas personagens não se confina ao trabalho da terra; paralelamente, vão-se ouvindo e contando histórias que, a seu tempo, funcionarão como alimento espiritual e estratégia de sobrevivência para as duas irmãs, longe desse lugar e da família. De forma particular, a avó, Grandma Fleet, prepara as sementes para lançar à terra ao mesmo tempo que cuida do futuro das

netas: “Grandma Fleet ia selecionando a sua colheita de sementes enquanto falava. [...] Grandama Fleet explicava-lhes a existência, entre as dunas, de diferentes tipos de humidade na areia [e que] cada uma das dunas e os pequenos vales entre elas tinham diferentes caudais de escoamento [...] e quais os socacos com melhor drenagem para o cultivo de milho doce e feijão rajado” (GD: 47).

Depois da morte da avó, como já foi referido, as duas irmãs separam-se. Ao ser adotada por Hattie e Edward, Indigo viaja até à Europa, onde os Palmers visitam, em primeiro lugar, Aunt Bronwyn, que, no Sul de Inglaterra, cuida de um jardim com plantas de todo o mundo. Neste lugar, Indigo tem a oportunidade de conhecer outras formas de jardim, e outras espécies: “Plantas de todo o mundo – das Américas, tomates, batatas, abóboras, abobrinhas e milho doce; alho, cebolas, favas, espargos e grão-de-bico da Itália – cresciam ao lado de pimentos provenientes da Ásia e de África” (GD: 240). É uma oportunidade, também, para colecionar sementes oriundas de diferentes lugares do planeta, algo que ela faz com o intuito de, no futuro, e quando regressar aos jardins das dunas, fazer crescer um jardim plural, inclusivo, híbrido: “Ela pegou nas sementes e guardou-as em pedaços de papel na mala, junto do pijama e da roupa, para poder cultivá-las quando regressasse a casa” (GD: 185). É sobretudo relevante que Aunt Bronwyn lembre as muitas plantas que os nativos da América deram ao mundo – milho, tomates, batatas, pimentos, amendoins, café, chocolate, ananás, bananas, tabaco (GD: 244). E que o faça lembrando também os vegetais, as flores e os animais que os Romanos levaram para Inglaterra (GD: 244), algo que demonstra que a história do ser humano na terra é feita de trocas, de relações, de movimento. Quando viajam para Itália, uma outra mulher apaixonada por jardins, a professora Laura, oferece a Indigo mais sementes e bolbos dos seus gladiolos híbridos, planta proveniente de África e que terá apaixonado os europeus (GD: 371).

Se Indigo desenha, colhe e recolhe sementes por onde passa, Edward, prosseguindo a sua procura de plantas e o desejo de fazer dinheiro com elas, torna a sua atividade clandestina. Assim, o seu objetivo na Córsega é roubar estacas de limoeiros, a fim de criar uma nova espécie, à qual dará o seu nome, levando-as depois para os Estados Unidos, onde iniciará uma produção massificada, global, deslocando o produto do controlo local: “Atualmente a Córsega e os seus proprietários franceses e italianos controlavam a oferta de limão a nível mundial. Agora, e através de um acordo especial com a Secretaria da Indústria de Plantas, ele próprio possuiria das primeiras estacas de limão a serem importadas para os Estados Unidos” (GD: 162). Edward reproduz o modelo colonial – procura sementes, plantas e minerais com

o fito exclusivo do lucro, levando-as do país de origem sem autorização, numa atitude de arrogância e mera ganância. Neste sentido, e antes de mais, Edward é um explorador e o seu objetivo é dominar, possuir, classificar: “Para Eduardo, o jardim era um laboratório de pesquisa” (GD: 73).

Contrariamente a Edward, Indigo coleciona sementes e bolbos que lhe são oferecidos, mostrando respeito pelas sementes e plantas que armazena, pois as sementes são símbolos de independência biológica, enquanto os enxertos representam a transformação da planta em comodidade (Barilla, 2007: 168). As sementes são, por isso, símbolo de uma visão que defende a diversidade cultural. Daí, e como salienta ainda James Barilla, embora *Gardens in the Dunes* se centre na invasão da paisagem nativa e na extinção de culturas indígenas, Silko não vê o movimento das plantas como um aspeto negativo; pelo contrário, o que a autora pretende ver considerado é a reconfiguração dos termos em que o comércio de plantas locais é feito à escala global (*ibidem*: 166). O seu interesse, mantém Barilla, é menos sobre a manutenção de uma diversidade beta (ou gama) isoladamente do que sobre o aumento e a manutenção alfa da diversidade através do comércio assente na soberania local (*ibidem*: 173).

Contiguamente, o que aqui é exposto é o perigo relativamente à possibilidade do desaparecimento de plantas e culturas (nomeadamente a cultura nativa). Contrariamente à viagem Este-Oeste, mítica viagem que dá corpo ao sonho americano, e que deixa feridas na paisagem e nas populações, Indigo viaja de Oeste para Este, numa procura de sinais de reconciliação. De regresso ao Oeste, aos velhos jardins, que são a memória do seu povo e da sua família, e numa viagem circular de retorno a casa e à sua identidade, Indigo aprendeu simultaneamente a cultivar a diversidade biológica e a tolerância. Já não é Colombo que descobre o exotismo de plantas e gentes no Novo Mundo, é Indigo, representante da cultura nativa que (a)colhe, protege e guarda plantas com vista à criação de um jardim plural, biologicamente diverso. Neste sentido, Indigo torna-se um agente do hibridismo, cujo maior exemplo são os bolbos de gladiolos que Laura oferece a Indigo e que esta aprende a cultivar nos jardins das dunas, quando, no final da narrativa, e depois de reencontrar a irmã, regressa ao local que foi forçada a abandonar. Como Laura explica a Indigo, os bolbos de gladiolos são híbridos, pois inicialmente a planta chegou à Europa vinda de África, o que, no contexto da narrativa, acentua a ideia traduzida por Elvira Pulitano – as plantas são os instrumentos regenerativos de Indigo (*apud* Snodgrass, 2011: 170).

Subjacentes aos processos de migrações, colonizações e conflitos, as plantas são uma força unitária, elementos universais, transculturais e transversais a diferentes culturas. No final da narrativa, e quando utilizados nos jardins

de Indigo, os gladiolos, além de acrescentarem beleza ao lugar, são também fonte de alimento. Por um lado, Indigo e Sister Salt estão a perpetuar a voz e o gesto da avó, quando esta lhes dizia que os Sand Lizards tinham sobrevivido porque se tinham adaptado a diferentes sementes e raízes; mas, por outro lado, os gladiolos são um símbolo da quebra de fronteiras e das infinitas possibilidades da miscigenação e hibridismo. As sementes que Indigo utiliza nos jardins das dunas, local a que regressa no final da narrativa, são o resultado de relações comerciais e humanas e que ilustram a ideia de diversidade e coabitação: “Agora já não resistia à tentação de plantar alguns bolbos de gladiolos entre as sementes de ervilhas que Aunt Brownyn lhe tinha dado [...]. Plantou-os numa borda, em redor das ervilhas, entre os feijões e os espinafres” (GD: 417).

Este facto veicula também a ideia de Silko relativamente à possibilidade que plantas, seres humanos e animais têm de sobreviver – só através do processo de adaptação é possível enfrentar os perigos de uma paisagem e de uma sociedade em constante movimento. Como explicita Shelly Saguario, a forma de vida dos nativo-americanos favorecia a adaptação; por isso, lidar com novas plantas, hibridismo e polinização cruzada fazia parte das estratégias de sobrevivência (Saguario, 2006: 197). Daí que em *Gardens in the Dunes* as personagens procurem articular a ideia de que os conceitos ‘pureza’ e ‘tradicionalismo isolado’ não fizeram parte da ambição dos povos nativos. Pelo contrário, estes sempre valorizaram a troca (*ibidem*: 132). Neste sentido, as sementes que Indigo transporta consigo representam a diversidade dos jardins europeus e a sua vontade de introduzir novas espécies como forma de sobrevivência dos Sand Lizards. Mas esta movimentação de plantas, sementes e bolbos tem também um outro objetivo – abolir linhas rígidas, fronteiras entre pessoas, entre pessoas e países.

Como já foi referido, a herança nativa de Silko permite-lhe uma visão que privilegia, simultaneamente, a inclusão e a dissolução de fronteiras rígidas. Tal como vê sem interesse a oposição maniqueísta entre nativos e euro-americanos, a sobrevivência do indivíduo não está dependente de uma só tribo, de uma raça ou de uma cultura. Pelo contrário, a sobrevivência dependerá, sobretudo, de se pertencer ou não a algo mais largo e vasto, de se cultivar uma relação entre o ser humano e o mundo. É neste sentido que a autora afirma que, embora seja importante entender as diferenças, escreve sobretudo para que se perceba “a magia e a força daquilo que partilhamos” (*apud* Arnold, 2000: 61).

No final da narrativa, em oposição ao desaparecimento de Edward, que morre, e de Hattie, que, inadaptada quer à sociedade branca, quer à nativa, regressa a Inglaterra, os jardins de Indigo e da irmã somam e

acrescentam: sementes e bolbos, oriundos de outros pontos do globo, contribuem para uma maior variedade de cores e de sabores da tradição dos Sand Lizards: “Aqueles gladiolos não eram apenas bonitos; eram também saborosos” (GD: 476). Os gladiolos funcionam também como “ofertas de paz” (GD: 475); as irmãs oferecem as flores aos católicos para que estes possam embelezar a sua igreja, o que se traduz em boas relações entre diferentes práticas religiosas.

Na explicação que Silko oferece, numa nota final a *Gardens in the Dunes*, refere que há muito se interessava pelo facto de uma grande parte das culturas e religiões do mundo manter uma relação forte com o espaço do jardim; por outro lado, confessa ter uma grande atração pelo paganismo europeu, naquilo que a autora sente ser uma ligação com os Pueblos. Ou seja, o objetivo de Silko é mostrar como os jardins – primitivos, vitorianos e nativos – ilustram a diversidade, e que, à semelhança dos jardins de Indigo e Sister Salt, se projetam como espaços de resistência e estratégia de sobrevivência. Através das histórias que conta acerca de plantas híbridas e de personagens mestiças (Robins, 2007: 43), a autora propõe-se preservar plantas e continuar a dar voz a culturas marginais. Por outro lado, o simbolismo da enxertia e do hibridismo presente na obra enfatiza aquilo que é a ação metafórica de Silko – o desejo de inserir a história e a mitologia ameríndia na narrativa literária dos Estados Unidos.

Os aspetos atrás expostos têm como objetivo salientar que *Gardens in the Dunes* apresenta possibilidades hermenêuticas que contrariam a atitude da cultura dominante no que respeita à natureza; contrariamente a uma cultura que explora e abusa, representada por Edward, a perspectiva ameríndia, dramatizada por Indigo, evidencia uma humildade essencial e uma vontade de relacionamento entre o ser humano e o mundo natural que tem por base uma atitude de diálogo e responsabilidade.

Tal como Silko, e como já explicitámos, também a ecocrítica procura abolir o pensamento dualístico, promovendo uma visão de interdependência entre todos os seres, valorizando também a fluidez, a maleabilidade, a interdependência. Consequentemente, a visão do ameríndio em relação à natureza vive, sobretudo, da observação, da experiência e da compreensão, e não tanto da busca de um conhecimento meramente científico. Daí, a personagem Edward acabar morta; ele, partilhando com Indigo o apreço pela observação de plantas, não possuía, contudo, a sua atitude de reverência e não praticava o valor do respeito. O que Silko articula aqui é a ideia de que a verdadeira conquista humana é a capacidade de ver a totalidade do universo; para a autora, repensar a história das relações entre europeus e ameríndios, das relações entre o ser humano e a natureza, é sublinhar a necessidade do uso da imaginação,

tal como o fazem os nativos, que não desprendem nunca a sua leitura física da paisagem de uma leitura também metafísica. Pretendem, assim, promover a transformação, uma alteração que enxerte velhas histórias em novas atitudes, ou que tão-somente alargue e flexibilize a nossa consciência, a fim de que esta não acabe por podar o ramo da perspectiva nativa e do seu contributo para uma leitura do nosso tempo.

Gardens in the Dunes sublinha os benefícios que a sociedade contemporânea poderia obter se atentasse nas interligações entre a humanidade e a natureza, e nesse sentido assumisse um modo de coabitar o mundo baseado na pluralidade e na diversidade. Da sua leitura, fica claro que as atitudes em relação ao ambiente envolvem opções e valores, que o sentir-se pertença da natureza é diverso do desejo exclusivo de a conquistar. Num contexto de crise ecológica, parece-nos que a procura de novas narrativas é profundamente válida e, consequentemente, também a busca de novas linguagens, capazes de traduzir a percepção de que urge reforçarmos a nossa consciência, forjando uma coexistência mais equilibrada com o meio que nos envolve.

Decorrente do exposto, e atentando na intersecção entre literatura e ecocrítica, o que nos interessa aqui é perspetivar o modo como o texto literário oferece modelos de compreensão do mundo, como se faz voz dos mais silenciados e arena de denúncia dos mais injustiçados. Ler *Gardens in the Dunes* nesta perspetiva é querer salientar a possibilidade que o texto literário tem não só de oferecer informações acerca das nossas atitudes para com o mundo natural, mas de sugerir novos comportamentos, novos olhares e novas relações. Assim, o romance de Silko, tornando perceptível o modo como os grupos compreendem, vivem e modificam o seu ambiente, contribui para o entendimento das relações humano-natureza e, além disso, ilustra em que medida as atividades que modificam a natureza – a agricultura, as construções humanas, a abertura de minas – devem ser entendidas enquanto processos ecológicos, que tanto podem contribuir para a sobrevivência como para a aniquilação do planeta.

Usando a imaginação, Silko presta um serviço ao planeta – e aos homens e mulheres que nele habitam –, pois o seu texto intensifica a ideia de que o mundo é uma entidade frágil, que “mais do que ser controlado tem de ser contemplado” (Santos, 1999: 53), tem de ser escutado. *Gardens in the Dunes* representa, tal como a restante obra de Silko, a convicção de que as histórias, as lendas, os mitos, a literatura são essenciais para a manutenção da vitalidade – do indivíduo, da sociedade. A isso se refere Serenella Iovino quando afirma: “inspirando a consciencialização, as narrativas correspondem a uma responsabilidade ética criativa, sendo que o objeto dessas narrativas

se torna um projecto moral (e consequentemente, político) (Iovino, 2010: 761). Assim, e como quisemos indicar, *Gardens in the Dunes* é exemplo de um texto ficcional que ganha relevo se analisado segundo uma abordagem ecocrítica, pois aquilo que autora e personagens iluminam é a profunda necessidade de se mudar de direção, de perfazer o movimento de uma perspectiva exclusivamente concentrada no olhar humano para uma outra de maior pendor biocêntrico e ecocêntrico, ou seja, “uma visão que inclua a consciência daquilo que vai para além do humano” (Kern, 2000: 10).

Num tempo que procura respostas para a cura das cicatrizes que a destruição insensível do ser humano tem exercido sobre o meio físico, parece-nos essencial parar para ouvir Leslie Marmon Silko, pois *Gardens in the Dunes* é uma narrativa suscetível de aumentar a nossa capacidade de resposta em relação aos valores e às responsabilidades – para com o humano e o não humano, para com o ambiente e a sociedade.

Referências bibliográficas

- Arnold, Ellen (2000), *Conversations with Leslie Marmon Silko*. Jackson: University Press of Mississippi.
- Barilla, James (2007), “Biological Invasion Discourse and Leslie Marmon Silko’s *Gardens in the Dunes*”, in Laura Coltelli (org.), *Reading Leslie Marmon Silko. Critical Perspectives through ‘Gardens in the Dunes’*. Pisa: Pisa University Press, 165-176.
- Buell, Lawrence (1996), *The Environmental Imagination: Thoreau, Nature Writing and the Formation of American Culture*. Cambridge/London: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Buell, Lawrence (2005), *The Future of Environmental Criticism. Environmental Crisis and Literary Imagination*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Clark, Timothy (2011), *The Cambridge Introduction to Literature and Environment*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dreese, Donelle (2002), *Ecocriticism: Creating Self and Place in Environmental and American Indian Literature*. New York: Peter Lang.
- Estok, Simon (2001), “A Report Card on Ecocriticism”. Página consultada a 15.04.2013, em <http://www.asle.org/site/resources/ecocritical-library/intro/reportcard/>.
- Feest, Christian (2003), “The Greening of the Red Man: ‘Indians’, Native Americans, and Nature”, in Walter Hölbling; Hans Bak (orgs.), *“Nature’s Nation” Revisited: American Concepts of Nature from Wonder to Ecological Crisis*. Amsterdam: VU University Press, 9-29.
- Gaard, Greta (1996), “Hiking without a Map: Reflections on Teaching Ecofeminist Literary Criticism”, *ISLE*, 3(1), 155-182.
- Garrard, Greg (2004), *Ecocriticism*. London/New York: Routledge.

- Glotfelty, Cheryll (1996), "Introduction: Literary Studies in an Age of Environmental Crisis", in Cheryll Glotfelty; Harold Fromm (orgs.), *The Ecocriticism Reader. Landmarks in Literary Ecology*. Athens/London: The University of Georgia Press, xv-xxxvii.
- Gonçalves, Joaquim (2001), "Ambiente e linguagem", in Cristina Beckert (coord.), *Natureza e ambiente: Representações na cultura portuguesa*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 13-19.
- Felstiner, John (2009), *Can Poetry Save the Earth?: A Field Guide to Nature Poems*. New Haven/London: Yale University Press.
- Flys-Junquera, Carmen (2011), "Literature and Ecocriticism as Environmental Activism", in Ana Isabel Queiroz; Inês Dornellas e Castro (orgs.), *Falas da terra no século XXI: What Do We See Green?* Lisboa: Esfera do Caos, 57-79.
- Iovino, Serenella (2010), "Ecocriticism, Ecology of Mind, and Narrative Ethics: A Theoretical Ground for Ecocriticism as Educational Practice", *ISLE*, 17(4), 759-762.
- Kern, Robert (2000), "Ecocriticism – What Is It Good For?", *ISLE*, 7(1), 9-32.
- Leopold, Aldo (2008), *Pensar como uma montanha*. Águas Santas: Edições Sempre-em-Pé.
- Lutwack, Leonard (1984), *The Role of Place in Literature*. Syracuse, New York: Syracuse University Press.
- Lynch, Tom (2000), "Gardens in the Dunes", Book Review, *ISLE*, 7(2), 290-291.
- Magoullick, Mary (2007), "Landscapes of Miracles and Matriarchy in Silko's *Gardens in the Dunes*", in Laura Coltelli (org.), *Reading Leslie Marmon Silko. Critical Perspectives through 'Gardens in the Dunes'*. Pisa: Pisa University Press, 21-36.
- Owens, Louis (2002), "'The Very Essence of our Lives'. Leslie Silko's Webs of Identity", in Allan Chavkin (org.), *Leslie Marmon Silko's 'Ceremony'*. Oxford: Oxford University Press, 91-116.
- Robins, Barbara (2007), "Tips for Nurturing the Home Garden", in Laura Coltelli (org.), *Reading Leslie Marmon Silko. Critical Perspectives through 'Gardens in the Dunes'*. Pisa: Pisa University Press, 37-56.
- Ruoff, La Vonne Brown (2007), "Leslie Marmon Silko's *Gardens in the Dunes*: Contact Zones and Cross Currents", in Laura Coltelli (org.), *Reading Leslie Marmon Silko. Critical Perspectives through 'Gardens in the Dunes'*. Pisa: Pisa University Press, 7-20.
- Santos, Boaventura de Sousa (1999), *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento.
- Saguro, Shelley (2006), *Garden Plots: The Politics and Poetics of Gardens*. Hampshire: Ashgate.
- Silko, Leslie Marmon (1986), "Landscape, History, and the Pueblo Imagination", in Cheryll Glotfelty; Harold Fromm (orgs.), *The Ecocriticism Reader. Landmarks in Literary Ecology*. Athens/London: The University of Georgia Press, 264-275.

- Silko, Leslie Marmon (1999), *Gardens in the Dunes*. New York: Simon & Schuster.
- Silko, Leslie Marmon (2010), *The Turquoise Ledge: A Memoir*. New York: Penguin Books.
- Snodgrass, Mary Ellen (2011), *Leslie Marmon Silko: A Literary Companion*. Jefferson, North Carolina: McFarland.
- Snyder, Gary (2004), “Ecology, Literature, and the New World Disorder”, *ISLE*, 11(1), 1-13.
- Soromenho-Marques, Viriato (1994), *Regressar à terra. Consciência ecológica e política de ambiente*. Lisboa: Fim de Século Edições.
- Soromenho-Marques, Viriato (2013), “As universidades na era da crise global do ambiente”, *Jornal de Letras*, 6 a 19 de Março, 29.
- Stein, Rachel (1997), “Contested Ground; Nature, Narrative, and Native American Identity in Leslie Marmon Silko’s *Ceremony* and *Almanac of the Dead*”, in *Shifting Ground: American Women Writers’ Revisions of Nature, Gender, and Race*. Charlottesville/London: University Press of Virginia, 114-144.
- Wood, Karenne (1999), “Leslie Marmon Silko. *Gardens in the Dunes*”, Book Review, *American Indian Quarterly*, 23(2), 71-72.